

“Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que
recorremos a Vós.” Amém.

Paulo Coelho

A ESPIÃ

Romance

**PA
R
I
S**

Copyright © 2016 by Paulo Coelho
<http://paulocoelhoblog.com>

Publicado mediante acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria SLU,
Barcelona, Espanha.

Todos os direitos reservados.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chierosin Nunes, colorização de Olga Shirnina

CRÉDITOS DAS IMAGENS pp. 13, 23, 59 e 135: Collection Fries Museum,
Leeuwarden; p. 171: Detalhe do jornal *New York Times*, 1915;
p. 177: The National Archives of the UK, ref. kv2/1

PREPARAÇÃO Silvia Massimini Felix

REVISÃO Valquíria Della Pozza e Arlete Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

A espíã : romance / Paulo Coelho. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2016.

ISBN 978-85-8439-037-3 (brochura)

ISBN 978-85-8439-043-4 (capa dura)

1. Ficção brasileira I. Título.

16-05574

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

PRÓLOGO

PARIS, 15 DE OUTUBRO DE 1917 — *Anton Fisherman com Henry Wales, para o International News Service*

Pouco antes das cinco da manhã, um grupo de dezoito homens — em sua maior parte oficiais do exército francês — subiu até o segundo andar de Saint-Lazare, a prisão feminina localizada em Paris. Guiados por um carcereiro que carregava uma tocha para acender as lâmpadas, pararam em frente à cela 12.

Freiras eram encarregadas de tomar conta do local. Irmã Leonide abriu a porta e pediu que todos aguardassem do lado de fora enquanto entrava de novo, riscava um fósforo na parede e acendia a lâmpada em seu interior. Em seguida, chamou uma das outras irmãs para ajudá-la.

Com muito carinho e cuidado, irmã Leonide colocou seu braço em volta do corpo adormecido que custou a acordar — como se não estivesse muito interessada em nada. Quando despertou, segundo o testemunho das freiras, parecia sair de um sono tranquilo. Continuou serena quando soube que havia sido negado o pedido de clemência que fizera dias antes ao pre-

sidente da República. Impossível saber se sentiu tristeza ou alívio porque tudo chegava ao final.

Ao sinal de irmã Leonide, padre Arboux entrou em sua cela junto com o capitão Bouchardon e o advogado, dr. Clunet. A prisioneira entregou a este último a longa carta testamento que escrevera durante a semana inteira, além de dois envelopes pardos com recortes.

Vestiu meias de seda negras — algo que parece um tanto grotesco em tais circunstâncias —, calçou sapatos altos adornados por laços de seda e levantou-se da cama, retirando de um cabide, colocado no canto de sua cela, um casaco de pele que ia até os pés, revestido nas mangas e no colarinho por outro tipo de pele de animal, possivelmente raposa. Vestiu-o por cima do pesado quimono de seda com o qual havia dormido.

Seus cabelos negros estavam desalinhados; ela os penteou com cuidado, prendendo-os na nuca. Por cima, pôs um chapéu de feltro e o amarrou no pescoço com uma fita de seda para que o vento não o carregasse quando estivesse no lugar descampado para onde estava sendo conduzida.

Lentamente, abaixou-se para pegar um par de luvas negras de couro. Em seguida, com indiferença, virou-se para os recém-chegados e disse em voz calma:

— Estou pronta.

Todos deixaram a cela da prisão de Saint-Lazare e seguiram em direção a um carro que já os esperava com os motores ligados para levá-los até o lugar onde se encontrava o pelotão de fuzilamento.

O carro saiu em velocidade acima da permitida cruzando as ruas da cidade, ainda adormecida, em direção ao quartel de Vincennes, lugar onde antes havia um forte que fora destruído pelos alemães em 1870.

Vinte minutos depois, o automóvel parou e a comitiva desceu. Mata Hari foi a última a sair.

Os soldados já estavam alinhados para a execução. Doze Zouaves formavam o pelotão de fuzilamento. No final do grupo estava um oficial com a espada desembainhada.

Enquanto padre Arbaux conversava com a mulher condenada, cercado por duas freiras, um tenente francês se aproximou e estendeu um pano branco para uma das irmãs, dizendo:

— Por favor, vendem seus olhos.

— Sou obrigada a usar isso? — perguntou Mata Hari enquanto olhava o pano.

O advogado Clunet olhou para o tenente, com ar interrogativo.

— Apenas se a madame preferir; não é obrigatório — respondeu.

Mata Hari não foi amarrada nem vendada; ficou olhando seus executores com ar de aparente tranquilidade enquanto o padre, as freiras e o advogado se afastavam dela.

O comandante do pelotão de fuzilamento, que vigiava atentamente seus homens para evitar que conferissem os rifles — já que é praxe sempre colocar um cartucho de festim em um deles, de modo a fazer com que todos possam clamar que não deram o tiro mor-

tal —, pareceu começar a relaxar. Em breve tudo estaria terminado.

— Preparar!

Os doze assumiram uma postura rígida e apoiaram os fuzis no ombro.

Ela não moveu um músculo.

O oficial dirigiu-se para um lugar onde todos os soldados pudessem vê-lo e levantou a espada.

— Apontar!

A mulher diante deles continuou impassível, sem demonstrar medo.

A espada baixou, cortando o ar em um movimento de arco.

— Fogo!

O sol, que a essa altura já tinha se levantado no horizonte, iluminou as chamas e a pouca fumaça que saiu de cada um dos rifles, enquanto a rajada de tiros era disparada com estrondo. Logo em seguida, em um movimento cadenciado, os soldados voltaram a colocar as armas no chão.

Mata Hari ainda ficou uma fração de segundos em pé. Não morreu como vemos em filmes quando as pessoas são baleadas. Não caiu nem para a frente nem para trás e não moveu os braços nem para cima ou para os lados. Pareceu desmaiar sobre si mesma, mantendo sempre a cabeça erguida, os olhos ainda abertos; um dos soldados desmaiou.

Seus joelhos fraquejaram e o corpo tombou para o lado direito, ficando as pernas ainda dobradas cobertas pelo casaco de pele. E ali ficou, imóvel, com o rosto voltado para os céus.

Um terceiro oficial — acompanhado de um tenente — tirou o revólver que trazia num coldre ajustado ao peito e caminhou em direção ao corpo inerte.

Dobrou-se, colocou o cano na têmpora da espiã, tomando o cuidado de não tocar sua pele. Em seguida, puxou o gatilho, e a bala atravessou seu cérebro. Voltou-se então para todos que estavam ali e disse em voz solene:

— Mata Hari está morta.

PARTE I

ESTIMADO DR. CLUNET,

Não sei o que irá acontecer no final desta semana. Sempre fui uma mulher otimista, mas o tempo está me deixando amarga, solitária e triste.

Se tudo correr como espero, o senhor jamais receberá esta carta. Terei sido perdoada. Afinal de contas, minha vida foi feita cultivando amigos influentes. Eu a guardarei para que, um dia, minha única filha possa lê-la para descobrir quem foi sua mãe.

Mas, se estiver errada, não tenho muita esperança de que estas páginas, que consumiram minha última semana de vida na face da Terra, sejam guardadas. Sempre fui uma mulher realista e sei que, para um advogado, quando um caso está encerrado, ele parte para o próximo sem olhar para trás.

Imagino o que acontecerá agora; o senhor é um homem ocupadíssimo, que ganhou notoriedade defendendo uma criminoso de guerra. Terá muita gente à sua porta implorando por seus serviços; mesmo derrotado, conseguiu uma imensa publicidade. Encontrará jornalistas interessados em conhecer sua versão dos fatos, frequentará os restaurantes mais caros da

cidade e será olhado com respeito e inveja pelos seus confrades. Sabe que nunca houve uma prova concreta contra mim — apenas manipulação de documentos —, mas nunca poderá admitir em público que deixou morrer uma inocente.

Inocente? Talvez essa não seja a palavra exata. Nunca fui inocente, desde que pisei nesta cidade que tanto amo. Achei que podia manipular os que queriam os segredos de Estado, achei que alemães, franceses, ingleses, espanhóis jamais resistiriam a quem eu sou — e terminei eu sendo a manipulada. Escapei de crimes que cometi, o maior deles o de ser uma mulher emancipada e independente em um mundo governado por homens. Fui condenada por espionagem quando tudo que consegui de concreto foram fofocas nos salões da alta sociedade.

Sim, transformei essas fofocas em “segredos” porque queria dinheiro e poder. Mas todos os que hoje me acusam sabiam que eu não estava contando nada de novo.

Pena que ninguém jamais saberá disso. Estes envelopes encontrarão seu lugar certo: um arquivo empoeirado, cheio de outros processos, de onde talvez saiam apenas quando seu sucessor, ou o sucessor do seu sucessor, resolver abrir espaço e jogar fora os casos antigos.

A essa altura meu nome já terá sido esquecido; mas não é para ser lembrada que escrevo. O que tento é entender a mim mesma. Por quê? Como é que uma mulher que durante tantos anos conseguiu tudo o que queria pode ser condenada à morte por tão pouco?

Neste momento, olho para minha vida e entendo que a memória é um rio que corre sempre para trás.

Memórias são cheias de caprichos, imagens de coisas que vivemos e que ainda podem nos sufocar com um pequeno detalhe, um ruído insignificante. Um cheiro de pão sendo feito sobe até a minha cela e me relembra dos dias em que eu caminhava livre pelos cafés; isso me destrói mais do que o medo da morte e da solidão em que me encontro.

Memórias trazem com elas um demônio chamado Melancolia; oh, demônio cruel do qual não consigo escapar. Ouvir uma prisioneira cantando, receber algumas poucas cartas de admiradores que nunca me trouxeram rosas e jasmims, lembrar de uma cena em determinada cidade, que na hora me passou completamente despercebida e que agora é tudo que me resta deste ou daquele país que visitei.

As memórias sempre vencem; e, com elas, chegam demônios ainda mais pavorosos que a Melancolia: os remorsos; meus únicos companheiros nesta cela, exceto quando as irmãs resolvem entrar e conversar um pouco. Não falam sobre Deus nem me condenam por aquilo que a sociedade chama de “pecados da carne”. Geralmente dizem uma ou duas palavras e de minha boca jorram memórias, como se eu quisesse voltar no tempo mergulhando neste rio que corre para trás.

Uma delas me perguntou:

— Se Deus lhe desse outra chance, faria tudo diferente?

Respondi que sim, mas na verdade não sei. Tudo que sei é que meu coração hoje é uma cidade fantasma, povoado por paixões, entusiasmo, solidão, vergonha, orgulho, traição, tristeza. E não consigo me desvencilhar de nada disso, mesmo quando sinto pena de mim mesma e choro em silêncio.

Sou uma mulher que nasceu na época errada e nada poderá corrigir isso. Não sei se o futuro se lembrará de mim, mas, caso isso ocorra, que jamais me vejam como uma vítima, mas sim como alguém que deu passos corajosos e pagou sem medo o preço que precisava pagar.